

A Prosódia dos Actos de Fala Indirectos

Sónia Amaral, António Teixeira, Rosa Lúcia Coimbra
Universidade de Aveiro

1. Introdução

Este trabalho tem por base registos utilizando a metodologia MapTask. Foram gravados cinco locutores do sexo masculino entre 6 e 13 anos de idade, cuja língua materna é o Português Europeu (PE). Uma parte destes registos teve lugar no laboratório de fonética, na Universidade de Aveiro, directamente para o PC, utilizando o sistema KAY CSL 4400. Outra parte do corpus foi gravada em sala de aula. O presente estudo tem subjacente uma pesquisa mais alargada (Amaral, 2005), tendo-se retirado do corpus global os exemplos aqui tratados.

O programa Tabletrans foi o escolhido para a anotação do corpus gravado. Procedeu-se a diversos níveis de anotação: tomadas de vez, identificando cada locutor; a transcrição ortográfica dos enunciados seguindo o CSLU (Center for Spoken Language Understanding) Labeling Guide; a estrutura dialógica onde se inserem as transcrições, os movimentos (*moves*), tal como os actos de fala (Conversational Game Analysis Theory, Carletta et al. 1997, desenvolvida para MapTask) e uma etiquetagem morfológica. Foi feita a extracção automática dos valores de F0 e foi analisado movimento da curva melódica a eles associado.

Ainda que a pesquisa tenha agrupado diferentes aspectos da prosódia do discurso espontâneo, apresentaremos aqui apenas os resultados referentes aos actos de fala indirectos em PE.

2. Actos de fala indirectos

De cada vez que aqui nos reportamos à noção de acto de fala indirecto, fá-lo-emos no sentido de Austin (1986) e Searle (1969), ou seja, um acto cuja força ilocutória não corresponde ao tipo de frase que foi enunciada.

A nossa escolha para a apresentação de pesquisa concernente a este tipo de interacção é motivada pelo facto de que os actos indirectos obrigam a uma grande capacidade de controlo da interacção por parte dos locutores neles implicados para que possam compreender a intenção do outro e agir em conformidade.

Resta saber como decidir sobre a intenção de um locutor; o que ele diz corresponde verdadeiramente ao que ele quer dizer? No nosso caso – diálogos dirigidos, como é o caso do MapTask – locutor e alocutário estabelecem as suas trocas linguísticas baseados nas informações de que ambos dispõem sobre o contexto no qual a interacção

se desenrola, bem como sobre certos princípios de comportamento linguístico esperados.

No quadro dos actos indirectos, limitar-nos-emos a apresentar aqueles em que, independentemente do tipo de frase (declarativa ou interrogativa), o locutor tem a intenção de conduzir o alocutário ao acatamento de uma ordem.

Fazemos aqui referência ao texto de Liliane Tasmowski-DeRyck (1980) que tratou a questão dos imperativos. A autora afirma que, citando R. Lakoff, a maior parte dos casos de actos de fala indirectos relevam de “máximas de delicadeza” que jogam retoricamente. O que ela quer dizer é que, quando alguém dá uma ordem através de um enunciado declarativo ou através de uma pergunta “podes ir p’ a uma loja”, se tem em conta que quem pergunta se põe ilocutoriamente na situação de fraqueza. Essas relações de força/fraqueza advêm das avaliações segundo os interesses do locutor e do alocutário. Nos exemplos aqui apresentados, o gíver coloca-se ilocutoriamente na situação de fraqueza, dependente da vontade do interlocutor em responder à pergunta, ou de seguir o trajecto para atingir os objectivos da tarefa do Map Task. Essa questão da forma de tratamento pertence à pragmática. Uma tal pragmática terá também a ver com a pertinência dos interlocutores, na medida em que estes modalizam as fórmulas de tratamento como reconhecimento social da sua pertinência.

Outra questão não menos importante e que faz parte destas análises é a questão da implicatura de Grice – trata-se assim de uma situação pragmática, sem descurar também o jogo das entoações. Quando o locutor pergunta ao alocutário “podes ir p’ a uma loja”, coloca o sujeito na situação de ter de responder, cuja pergunta obriga a compreender o implicado “vai para uma loja” (cf. com os exemplos de Récanati (1979) em como os actos de fala indirectos podem envolver implicaturas conversacionais).

Foram detectados no corpus exemplos de actos de fala indirectos, apresentando-se de seguida alguns dos casos considerados mais significativos. Encontram-se exemplos de ordens enunciando frases declarativas e de ordens enunciando frases interrogativas. São também apresentados, a título comparativo, enunciados declarativos e interrogativos directos.

Para cada caso apresentado incluiremos, numa figura, informação relativa ao sinal acústico e à curva de FO (também incluiremos a anotação das palavras e da sintaxe).

Vejamos alguns exemplos que elucidem o interesse pragmático e prosódico do estudo dos actos de fala.

2.1. Ordem sob a forma de declarativa

Um dos exemplos retirado do nosso corpus foi a realização, por parte do locutor, de ordens usando frases não imperativas, como é o caso das frases declarativas. Vejamos o exemplo que se segue (fig. 1):

A PROSÓDIA DOS ACTOS DE FALA INDIRECTOS

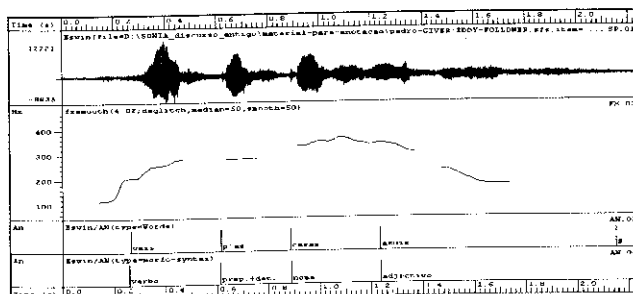


Figura 1: Contorno entoacional da frase "vais p'as casas azuis"
(Pedro giver-26.100)¹

Na figura 1, o enunciado pretende ser entendido como uma ordem, mas utiliza uma frase de tipo declarativo. O locutor pretende que o alocutário realize a acção especificada no conteúdo proposicional – ir para as casas azuis –, mas o que enuncia é, efectivamente, uma afirmação. De um ponto de vista prosódico, o contorno entoacional tem as características de uma afirmativa: verifica-se uma subida no início e uma descida no fim do enunciado. O elemento focalizado, em termos discursivos, é a palavra casas: é o nível mais elevado do movimento de variação de F0 que coincide com o núcleo da sílaba tónica dessa mesma palavra. O mesmo se verifica na figura 2, apresentada de seguida.

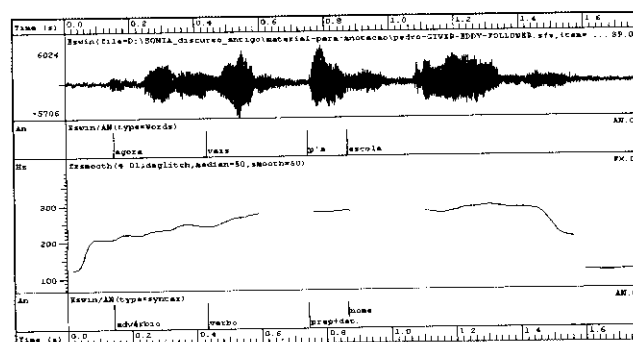


Figura 2: Contorno entoacional da frase "agora vais p'a escola"
(Pedro giver-152.725)

¹ Nome do locutor, papel desempenhado na tarefa e localização temporal dos enunciados

O contorno entoacional é o de uma declarativa afirmativa, embora se pretenda transmitir uma ordem. O elemento focalizado é a palavra escola. Isto evidencia o propósito da tarefa: pretender que o alocutário se dirija ou passe por certos locais, daí a subida ser mais acentuada na palavra escola. Os movimentos de variação de altura associam-se à informação nova e ocorrem no elemento focalizado. Esta associação para a interpretação do sentido parece desempenhar um papel fundamental na tarefa do Map Task.

Vejamos agora o exemplo de uma verdadeira imperativa produzida pelo mesmo falante (fig. 3):

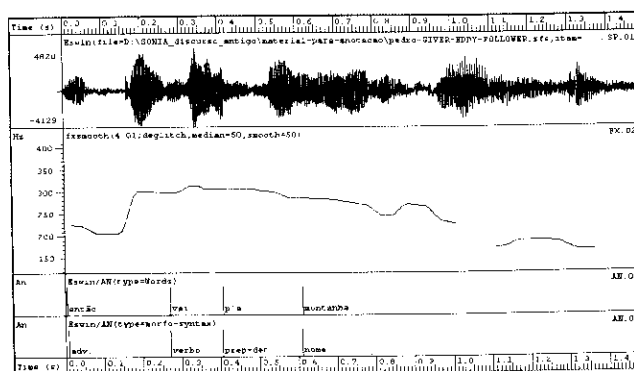


Figura 3: Contorno entoacional da frase “então vai p'a montanha”
(Pedro giver-158.600)

O contorno entoacional é semelhante a uma afirmativa, há uma variação no sentido descendente, no entanto o elemento focalizado não é o mesmo de um acto de fala indirecto – ordem usando uma afirmação. Neste caso o elemento focalizado é o verbo imperativo – vai. A focalização do verbo no modo imperativo reforça o poder imperativo do enunciado, organizando a cadeia fonética como um domínio rítmico.

Quer como afirmação, quer como ordem, o acto de fala é realizado por meio de um enunciado que, de uma forma ou de outra, não vê alterado o seu conteúdo proposicional. O facto de o locutor usar uma verdadeira imperativa alterando a variável de entoação em posição inicial e não-final é, no caso em análise, resultado da influência contextual dos movimentos que se vão seguindo até chegar ao fim da tarefa, ou seja, até que sejam atingidos os seus objectivos.

Numa ordem, quando o verbo imperativo é usado performativamente, mais uma entoação adequada, implica semântica e pragmaticamente que o locutor cria uma relação com o seu alocutário que o obriga ilocutoriamente a fazer algo (independentemente de este realizar ou não a acção – questão que não é directamente de ordem pragmática). Tal ordem é entendida relevando a sua reserva pela verdade ou não da sua

entoação e que não é susceptível de qualquer análise por parte do alocutário (em termos de intenção). Quando o locutor ordena, a concretização da acção depende obviamente do interlocutor, o qual pode obedecer ou não, segundo a sua própria reserva. Segundo a teoria de Austin e Searle sobre os actos ilocutórios, a ordem expressa num acto de fala, mesmo não utilizando a palavra “ordeno-te”, o enunciado “então vai p’a montanha”, pragmaticamente, é independente quanto ao sentido ilocutório da execução futura da tarefa – ir para a montanha, na medida em que é sempre entendida como uma ordem.

2.2. Ordem sob a forma de interrogativa

Outro tipo de acto indirecto encontrado relaciona-se com a utilização de outro tipo de frase, o interrogativo, para a mesma transmissão de ordem. Sobre a questão das interrogativas, destaca-se o estudo de Isabel Mata (1990), onde se mostra que há perguntas que podem ser veiculadas através de contornos tipicamente declarativos..

Uma declarativa e uma interrogativa podem ser veiculadas por sequências linearmente idênticas (ver exemplos do estudo de Frota 2000). Ambas as sequências constituem um único sintagma entoacional. Ao observarmos a figura 1, verificamos que esse contraste também não existe entre uma imperativa (não é uma imperativa formulada através de outros meios) e uma interrogativa global.

Vejamos então um exemplo de uma ordem sob a forma de uma interrogativa (fig. 4).

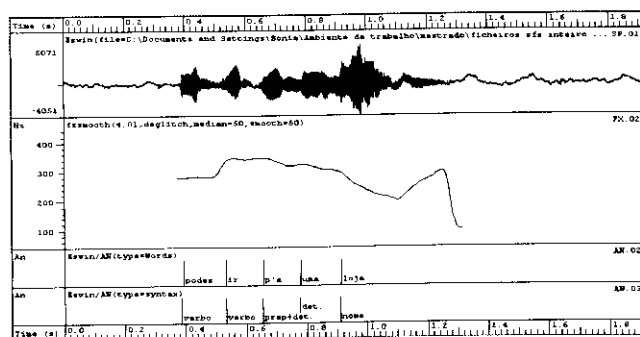


Figura 4: Contorno entoacional da frase «podes ir p’a uma loja?»
(André giver-592.419)

O locutor não está apenas a realizar uma pergunta (e a ter de aceitar as possibilidades de o alocutário lhe responder apenas “posso”, sem realizar a acção), está, fundamentalmente, a dar uma ordem, uma instrução. Enquanto forma de realização de uma pergunta ou de uma ordem, o enunciado apresenta conteúdos proposicionais diferentes. É evidente que este exemplo pretende ser, e é, entendido como uma ordem

ou um pedido e não como uma pergunta (o alocutário, nas circunstâncias de comunicação, ao realizar o Map Task, nunca responderia "posso" mantendo-se posteriormente no mesmo sítio, sem ter avançado para a loja). Quer isto dizer que o locutor pretende que o alocutário reconheça que não só lhe deu uma ordem, como também teve a intenção de lhe dar, ainda que sob a forma de uma frase interrogativa com conteúdo proposicional diferente daquele que a ordem comporta.

Os contornos entoacionais são semelhantes aos de uma interrogativa verdadeira, ou seja directa, uma variação no sentido ascendente, o que contribui para a prosódia da frase. Aqui o elemento focalizado é o verbo – a marca da acção, ou seja, o fenómeno de valores elevados de F0 ocorre no verbo.

O mesmo acontece nos exemplos que se seguem (fig.5 e fig.6):

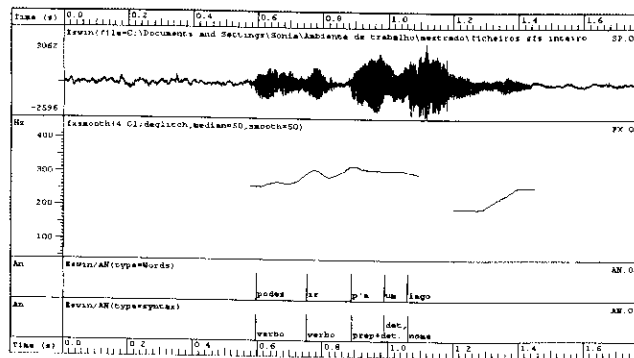


Figura 5: Contorno entoacional da frase «podes ir p'a um lago?»
(André giver-583.125)

A PROSÓDIA DOS ACTOS DE FALA INDIRECTOS

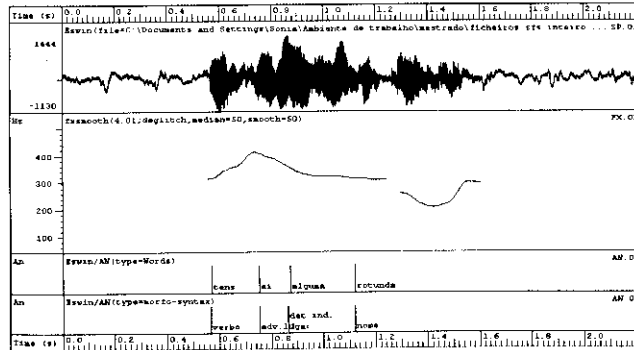


Figura 6: Contorno entoacional da frase «tens aí alguma rotunda?»
(André giver-631.367)

Qualquer um destes exemplos mostra que as frases imperativas sob a forma de interrogativa têm um contorno entoacional semelhante.

Na mesma tarefa, o mesmo falante produziu uma interrogativa verdadeira, directa. Vejamos o exemplo da fig. 7.

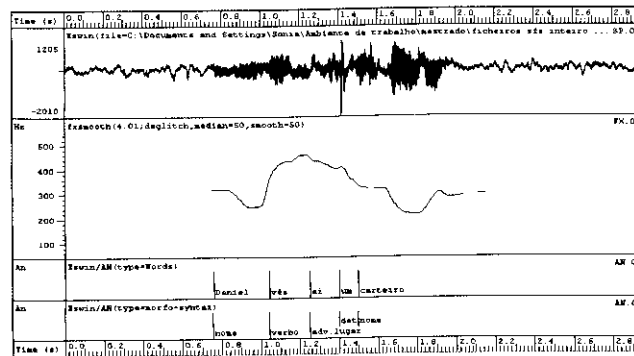


Figura 7: Contorno entoacional da frase «Daniel vês aí um carteiro?»
(André giver-853.900)

Verificamos que o contorno entoacional de uma interrogativa verdadeira é semelhante às ocorrências atrás analisadas. Os tipos de frases parecem manter prosodicamente as características que lhes são atribuídas em estudos anteriores, por exemplo, Frota (2002), Moutinho et al (2005).

3. Conclusão

Os resultados mostraram que as interpretações de um dado enunciado não dependem exclusivamente do seu conteúdo proposicional. Dependem também da utilização de estruturas entoacionais típicas de determinado grupo de actos de fala para realizar um acto que corresponderia a uma outra estrutura prosódica, isto é, uma declarativa, assumindo um contorno prosódico característico de declarativa, pode ser utilizada para realizar indirectamente uma ordem. O mesmo acto indirecto de ordenar pode também ser realizado através de um enunciado com contorno entoacional e forma de pergunta. As curvas entoacionais destes actos de fala indirectos correspondem ao acto de fala dependente de uma leitura literal do enunciado. Assim, o estudo da configuração prosódica revela-se de interesse para a codificação dos actos de fala indirectos, uma vez que estão associadas aos actos directos subjacentes.

Referências

- Amaral, Sónia Delfina (2005) *A Prosódia no Discurso Espontâneo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.
- Austin, J.L. (1986) *How to do things with words*. Oxford: University Press.
- Carletta, J. C., et al. (1997) The Reliability of a Dialogue Structure Coding Scheme. *Computational Linguistics*, 23(1), pp. 13-31.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Barnes & Nobles.
- Frota, Sónia (2002) Nuclear Falls and Rises in European Portuguese: A Phonological Analysis of Declarative and Question Intonation. *Probus*, 41:1, pp. 113-146.
- Mata, A. I. (1990) *Questões de Entoação e Interrogação em Português*. "Isso é uma pergunta?". Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Moutinho, L. C. et al. (2005) Variação entoacional em três áreas dialectais de Portugal Continental. In: J.P. Lai (ed.), *Project AMPER Atlas multimédia prosodique de l'Espace roman – Géolinguistique*, Hors série n.º 3, pp. 19-37.
- Récanaati, F. (1979) *La transparence et l'énonciation pour introduire à la pragmatique*. Paris: Seuil.
- Searle, J. L. (1969) *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: University Press.
- Tasmowski-de Ryck, L. (1980) Essai d'application: impératif et actes de langage. In: H. Parret et al. *Le Langage en Contexte, Etudes Philosophiques et Linguistiques de Pragmatique*, John Benjamins, pp. 577-630.